

○ ALFINETE

CID

REGIS ANTÔNIO DUARTE GONÇALVES

4º ano do Curso de Ciências Sociais da Faculdade
de Filosofia e Ciências Humanas

De meus olhos se alheia
tão magro objeto
Fina
penetrante
úlcera de ferro

Medindo-o de ângulos
diversos
mais êle se adelga.

E fulge em sua massa
como estilete
fácil de mover-se.
Seu estilo reto.

Agulha prateada
ferindo o escuro
ventre
dos olhos.
Pronto a romper-se
em estilhaços.

Como sol que funde
todo o universo
quando explode
naquilo que penetra.

O alfinete boia
na espuma de
seu pêso.
Cheio da inquietude
de uma tal cabeça.

Ponto
e
linha
imaginários
o alfinete ausente
de qualquer contrário.

Fere indiferente
o ódio
a dor
o ovário
o ventre
o ar-semente.

O alfinete cheio
por si mesmo
e simples
fino e infinito.

O alfinete alfa
início da linguagem
Assim
o ser mais lógico
e como tal
o óbvio.